

## Em livro de memórias, psicanalista relembra vida ao lado de Lacan

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Em um final de domingo de 1974, preso no congestionamento ao voltar de sua casa de campo em Guitrancourt, norte da França, Lacan não pensou duas vezes ao jogar o carro no acostamento para cortar o trânsito. Parado pela polícia, inventou algo sobre uma urgência médica. Em sua companhia estava a escritora e psicanalista Catherine Millot. Ela relembra o episódio (e muitos outros) em seu livro *A vida com Lacan*, publicado no Brasil em agosto pela Zahar. Analisanda, amante e amiga do psicanalista entre 1972 e 1980, Millot reúne no livro lembranças relacionadas à convivência de oito anos com o psicanalista. “Escrevi para reviver os velhos dias e acabei reencontrando um Lacan ainda muito vivo”, afirma em entrevista por e-mail à CULT. Millot publicou suas memórias na França em 2016, aos 70 anos – mesma idade que tinha Lacan quando a conheceu. Ali estão desde as lembranças corriqueiras até tentativas de desvendar sua personalidade. Ela associa aquela infração de trânsito, por exemplo, à “personalidade irreduzível” do psicanalista, que costumava “confrontar as barreiras do real”. “Ele gostava de lembrar que era do signo de Capricórnio.” A autora lembra de um episódio semelhante. Em uma tentativa de assalto em seu consultório, Lacan se recusou a entregar o dinheiro aos bandidos e foi golpeado no maxilar. Depois desse dia, nunca mais abandonou o soco inglês que costumava carregar junto ao chaveiro. Grande parte das memórias giram em torno de suas viagens e do amor de Lacan por Roma. Millot retoma amizades que fizeram no país, restaurantes que visitaram, igrejas e museus que o psicanalista gostava de visitar – nos quais observava as obras artísticas que lhe serviam de metáfora para seus seminários. Destas viagens, também guarda a lembrança de um Lacan obstinado, insistindo junto aos seguranças para entrar nos museus e exposições em horários proibidos. “Lacan encarnava sua teoria do desejo. Era ele mesmo um homem eminentemente de desejo, um desejo livre de entraves neuróticos, um desejo ‘decidido’, livre das ambivalências que nos enreda”, afirma. Para Lacan, o desejo é fundado na ausência, baseada na ideia da castração simbólica. A escritora e psicanalista Catherine Millot, autora de *‘A vida com Lacan’* (Yann Revol/Divulgação) Formada em Letras, Millot começou a aprofundar os estudos na psicanálise em meados de 1970. Planejava uma tese sobre as duas rachas do movimento psicanalítico, de 1953 e 1963. Abandonou o projeto, no entanto, e iniciou um doutorado em 1979 sobre a incompatibilidade da pedagogia e da clínica freudiana. Freud antipedagogo, fruto da tese, foi publicado no Brasil em 1987, também pela Zahar. Desde 1975, leciona no departamento de psicanálise da Universidade Paris VIII. Acredita que seu encontro com Lacan foi fundamental para guiar suas pesquisas na psicanálise, já que “ele foi um mestre tanto pelos seus ensinamentos como pela maneira de ser no mundo”. Suas pesquisas, por outro lado, também influenciaram o psicanalista. Na mesma época que estudava a mística beguina Hadewijch de Anvers, Lacan começava a falar sobre gozo e misticismo em seus seminários, principalmente depois de *Encore* (1975). Os seminários também aparecem no livro. Ela relembra a forte impressão que as palestras com toques teatrais de Lacan lhe causavam. “Minha melhor recordação talvez seja sua conferência de Louvain. Foi uma performance, e no sentido artístico da palavra, memorável”. Millot terminou a relação com Lacan em 1980, quando em uma análise descobriu o desejo por um filho – impossível ser realizado com ele devido à idade avançada. Deste mesmo ano data a dissolução da Escola Freudiana de Paris, fundada pelo psicanalista em 1964. Um ano depois, o psicanalista morre por causa de um tumor. Millot, que acompanhou Lacan até sua morte, relembra como ele ficou cada vez mais obcecado pelos nós borromeanos ao final da vida. A tríade, que representa, em sua teoria, a interação entre o Real, o Imaginário e o Simbólico, era constantemente desenhada e reproduzida por ele com cordas. “Ele era o tempo todo um analista”, afirma Millot. O post apareceu primeiro em Revista Cult.

